

***Mennonitentum*: os menonitas e os processos de identificação (Curitiba, 1934-1948)**

Francielly Giachini Barbosa *

Resumo: Este trabalho analisa o grupo étnico e religioso menonita, que se instala no bairro do Boqueirão, Curitiba, em 1934. Partindo do pressuposto que a identidade de um grupo não é algo estático, esta reflexão recupera como, em diferentes contextos e situações relacionais, os elementos base para identificações sofrem alterações, preservando, entretanto, elementos tradicionais. Para resgatar esse processo de mudança/preservação, este trabalho observa como ao longo de 14 anos, os menonitas construíram patrimônios e também praticaram algumas celebrações que reforçaram os elementos inerentes à sua identidade idealizada: seu *Mennonitentum*. A baliza temporal é 1948, pois é neste momento que a escola menonita que havia sido fechada no contexto da Segunda Guerra Mundial e políticas nacionalistas de Vargas, passa a ser dirigida novamente pelos menonitas, mas em contexto social e político diverso daquele vivido pelo grupo nos anos anteriores.

Palavras-chave: Mennonitentum; Menonitas, Identidade.

Abstract: This paper analyses the ethnic and religious Mennonite group, which lodged in the neighborhood of Boqueirão, Curitiba, in 1934. Admitting that the identity of a group is not static, this study shows how, in different contexts and relational situations, the basal elements to identifications modify, preserving, however, traditional elements. In order to restore this modification/preservation process, this paper observes how, throughout 14 years, the Mennonites built patrimonies and also made some celebrations that reinforced elements that were intrinsic to their idealized identity: their *Mennonitentum*. The time limited is 1948, because that is when the Mennonite school, which had been closed in the contexts of the World War II and of the Vargas' nationalist policies, goes back to the Mennonites' direction, although the social and political contexts were diverse from the ones experienced by the group in the preceding years.

Keywords: Mennonitentum; Mennonites; Identity.

As origens européias

Cuche (1999) nos alerta, que não cabe ao pesquisador fazer “controles de identidade”, mas sim buscar entender os processos de identificação de indivíduos e de grupos sociais. Desta forma, será mais pertinente neste trabalho a tentativa de entender porque o grupo menonita fez algumas escolhas e rejeitou outras no que diz respeito a seus elementos identitários. Também não podemos perder de vista que a identidade é um processo dinâmico, e diante deste aspecto, mesmo que o pesquisador almeje, não conseguiria controlar a identidade de um grupo.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), linha de pesquisa em história e historiografia da educação e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Toda identificação é também diferenciação, e segundo Cuche (1999) o que cria a fronteira da identidade não é a diferença cultural - pois a identidade pode ser mista num mesmo grupo -, dessa forma o que cria fronteiras é “ a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica” (p.200). Assim, como elementos que querem se diferenciar tanto de católicos, quanto até mesmo de luteranos e calvinistas, é que o grupo anabatista se distingue como fruto também dos movimentos reformadores no século XVI. Dessa forma, vinculados ao movimento anabatista, em 1536 na Holanda, sob a liderança de Menno Simons, que os menistas, mais tarde menonitas em homenagem ao líder, aparecem no cenário europeu.

Os anabatistas, também conhecidos como rebatizadores, caracterizavam-se por batizar as pessoas pela segunda vez, pois batizavam novamente aqueles que já haviam recebido tal sacramento pela Igreja Católica enquanto bebês, e quando adultos se convertiam ao movimento (FRIESEN, 2001). Pelo fato dos anabatistas batizarem adultos, aos conflitos com os católicos, somavam-se os conflitos também com os luteranos, que praticavam o batismo de bebês.

No século XVII, partindo do norte da Alemanha e mais tarde da Holanda e impulsionados, principalmente pelo fator de intolerância religiosa, os menonitas se estabeleceram na Prússia Ocidental, destacando-se ali como um grupo muito recluso. Segundo Maske foi nos mais de 200 anos que ali permaneceram que os menonitas “solidificaram a formação de sua identidade como grupo religioso e étnico, adotando o *Hochdeutsch* [alemão] como língua pública do grupo, sem excluir o *Plattdeutsch* [dialeto] da esfera privada” (2004, p.29).

Neste primeiro momento pode-se perceber a necessidade de solidariedade como elemento de identificação (Cuche, 1999; Bauman, 2005), pois diante das perseguições religiosas, estes protestantes buscaram na formação de uma comunidade um aspecto importante de proteção e sobrevivência.

Na segunda metade do século XVIII, convidados pela Imperatriz Catarina II, os menonitas começaram a migrar para a Rússia, pois na Prússia estavam sofrendo algumas retalhações do governo, que os impediam de comprar terras e também queria obrigar os homens do grupo a prestarem o serviço militar, medida esta que contrariava os princípios religiosos dos menonitas, de adesão ao pacifismo.

Na Rússia experimentaram um período de prosperidade econômica. No entanto, depois de mais de um século instalados neste território (agora final do século XIX) os menonitas perderam novamente a isenção do serviço militar, como já havia acontecido na

Prússia. Também, como lembra Maske, “a isenção de impostos e a quase independência das colônias estavam sendo eliminadas por um governo russo cada vez mais nacionalista e cioso de seu poder” (2004, p.34).

Em 1891 foi determinado que toda educação do território russo deveria ser ministrada no idioma russo, sendo que o alemão seria permitido somente como língua estrangeira. Maske aponta que

a partir desses acontecimentos, possivelmente, os menonitas passaram a ver a língua e a cultura alemãs como parte essencial de sua fé. A maioria deles havia aprendido a identificar-se completamente com suas comunidades fechadas e interdependentes. Essa era a sua nação, e a língua dessa nação era a alemã e não a russa. (2004, p.37).

Por mais que os menonitas se esforçassem para manter suas tradições, não podemos negar que a cada momento de mudança, novos elementos seriam incorporados à sua identidade. E por mais que neste momento se identificassem como alemães e fossem contrários à nacionalidade russa, mais tarde, quando parte do grupo vem para o Brasil, aqui serão identificados como alemães-russos.

A partir Revolução Russa de 1917 a situação do grupo ficou cada vez mais insustentável. O Plano Quinquenal de Stalin, que confiscou e coletivizou as terras menonitas, foi o estopim para que o grupo, pouco a pouco, abandonasse a Rússia e viesse para a América.

Diante desse panorama podemos perceber como os menonitas foram se formando e se conscientizando enquanto grupo. Mas isto não significa que esta organização fosse homogênea, a riqueza da história está nas suas variações e irregularidades, bem como nas exceções, pois a história é a disciplina da desordem, como lembra Thompson (1981).

Castells afirma que “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos do poder e revelações de cunho religioso” (2002, p.23). Portanto, se esta matéria-prima muda, as identificações também mudam. No caso menonita, apesar da origem holandesa, a permanência do grupo em terras prussianas fez com que, quando da mudança para terras russas, os menonitas apresentassem mais os traços e ligações com a cultura alemã do que com a holandesa. Assim, percebemos que é na relação com o contexto que a identidade se constrói e reconstrói.

No Brasil

Após terem seus bens confiscados na Rússia e somando-se a motivos de perseguições étnicas e religiosas, é que, em 1930, um grupo de aproximadamente 1.256 menonitas desembarcam no Brasil. Instalam-se em Santa Catarina, formando uma colônia às margens do rio Krauel, mais tarde se espalharam para outras regiões do território brasileiro. Em 1931 chega a primeira família menonita em Curitiba. Nos anos posteriores novas famílias vieram e fixaram moradias em vários bairros.

A fazenda que as quase 40 famílias menonitas compraram no Boqueirão tinha cerca de 100 alqueires (SUTIL, 1995, p.25). Quando os menonitas chegaram no bairro, estas terras estavam sendo loteadas pela Companhia Territorial Boqueirão. A venda dos terrenos começou em 1934, os quais “eram vendidos sem nenhuma estrutura, nem mesmo ruas delimitadas, ficando a cargo do morador realizar esse serviço com a assistência da Companhia” (SUTIL, 1994, p.14).

Quanto a estes aspectos estruturais, lembra um menonita visitante do núcleo do Boqueirão, que “na estação do trem nossa gente veio nos receber, muito cordialmente. Em um carro da colônia nós andamos primeiramente em uma estreita rua asfaltada, depois tornou-se acidentada, adiante veio rua pedregosa, por fim fomos nós por um caminho natural” (1934.p.04, tradução nossa).¹

Há também relatos dos leiteiros que levantavam de madrugada para tirar o leite, engarrafá-lo e depois levá-lo para vender no centro da cidade. No entanto, como os caminhos eram precários e somando-se ao fato de serem as terras do Boqueirão muito alagadas, foram muitas as vezes que os leiteiros tiveram suas carroças atoladas ou perderam a produção do dia. No entanto, o solo da região não trouxe apenas prejuízos nos momentos de transporte do leite, mas também quando o gado ficava atolado no banhado.

A presença do Quartel do Boqueirão ajudou no desenvolvimento da região, pois sua construção atraiu a vinda de mais moradores e obras de infra-estrutura. Em 1938 chegaram dois geradores de energia no Quartel, o qual fornecia eletricidade pelo menos para as propriedades próximas. Apesar de já em 1934 a Cia. Força e Luz do Paraná anunciar “*Luz elétrica ao Alcance de todos*” (Gazeta do Povo, 01/05/1934), a maior parte do bairro ficou sem energia elétrica até a década de 1950.

¹ “Am Bahnhof werden wie von unser Leuten sehr herzlich empfangen. Auf eine Kolonistenwagen fahren wir zunächst auf einer seinen Asphaltstraße, dann wird's holprig, weiterhin kommt geschotterte Straße, zuletzt sind wir auf Naturwegen.” (Die Brücke, n.1, Witmarsum/SC, jan/fev. 1934, p.4).

E assim, entre plantações, criações e os incontáveis problemas causados pelas dificuldades de transporte e realização do comércio, os menonitas começaram a construir não apenas suas casas, mas suas vidas, em Curitiba.

Neste novo momento, recorremos a Pollak (1992) e Cuche (1999) para começarmos a definir a questão da identidade e, também, compreender a importância de uma escola para os processos de identidade de um grupo.

Para Pollak o sentimento de identidade é “o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio” (1992, p.204) Percebemos que o autor entende identidade como uma auto-representação, pois seria a construção do próprio indivíduo da imagem de si para si e para os outros, e não uma imagem também dos outros para si. Dessa forma, Pollak não atenta para uma hetero-identidade / exo-identidade. Diferente, é a posição de Cuche, que coloca a identidade como uma negociação entre a identidade que é definida por si e aquela que é definida pelos outros.

A partir do depoimento de uma ex-estudante da escola menonita (M.F. In: FRIESEN, 2001), podemos entender um pouco o processo de reconstrução da identidade menonita neste novo contexto relacional, e olhando pela vertente da hetero/exo-representação, percebemos que a depoente fala que na escola havia um aluno “brasileiro” que chamava ela e os colegas menonitas de “quinta coluna”², e isso a irritava muito. Percebemos aí que aqueles que estavam de fora da comunidade representavam os menonitas, dentre outras identidades, como possíveis nazistas. No entanto, esta imagem também era negociada no interior do próprio grupo menonita, como uma auto-representação, pois a mesma ex-aluna relata que no seu segundo ano primário (1937), todas as manhãs o professor cantava com os alunos o hino da Alemanha e saudava o líder nazista com o famoso *Heil Hitler*.

É interessante notar que havia uma mesma representação para o grupo, ou seja, ‘os que se identificavam com o regime nazista’, no entanto a imagem vinda de fora irritava a aluna, enquanto nenhuma crítica era feita aos rituais do professor primário, um menonita como ela. Cuche nos dá pistas para entendermos um pouco esta questão quando afirma que “a auto-identidade terá maior ou menor legitimidade que a hetero-identidade, dependendo da situação relacional, isto é, em particular da relação de força entre os grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas” (CUCHE, 1999, p.184). Assim, podemos entender que o

² Quinta coluna era um termo que, durante a II Guerra Mundial era usado para aqueles que apoiavam as invasões nazistas.

problema não é tanto a representação que se faz, mas sim as relações de forças simbólicas nela imbricadas.

Em sua tese de doutorado, Giralda Seyferth (1981) analisou alguns jornais teuto-brasileiros de circulação na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e encontrou dois importantes termos identificadores dos imigrantes e filhos de imigrantes alemães: o *Deuschtum* e o *Deutschbrasilianertum*.

O *Deuschtum* “engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito alemão), a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado a ela, mas como nação e não como Estado” (SEYFERTH, 1981, p.46). Enquanto o termo *Deutschbrasilianertum* engloba todos aqueles que possuem nacionalidade alemã - seja por nascimento em território alemão, seja por ascendência alemã, pois descendentes também tinham nacionalidade alemã, não por ter nascido em solo alemão (*jus solis*), mas sim por ter o sangue alemão (*jus sanguinis*). Assim, somado à nacionalidade alemã, o termo *Deutschbrasilianertum* também engloba aqueles que possuem cidadania brasileira, ou seja, aqueles que estão ligados politicamente ao Brasil, seja por nascimento ou por naturalização. Os *Deutschbrasilianer* eram aqueles considerados cidadãos brasileiros de nacionalidade alemã.

Da mesma forma que Seyferth identificou as designações *Deuschtum* e *Deutschbrasilianertum*, também no periódico menonita *Die Brücke* o termo *Mennonitentum*, refere-se aos preceitos e características do grupo menonita como uma forma de auto-identificação. Nas minúcias das matérias do periódico podemos perceber que o menonita se auto-identifica enquadrando-se nas categorias de grupo de origem germânica, constituído por indivíduos zelosos pela educação, trabalhadores e esforçados, religiosos e, sobretudo, unidos.

Identities in conflict: *mennonitentum* X nationalism brasileiro

Hall (2006), defende que as diferenças entre as nações residem nas formas como elas são imaginadas. E para esta construção ele cita algumas estratégias discursivas, tais como: história, símbolos, origens, continuidades, tradição, mito fundador e povo original. No entanto, Azevedo (2003) defende que uma nação, para além de uma identidade imaginária, também tem suas ancoragens no concreto, na realidade. Cucho (1999) lembra que a ideologia nacionalista tem a tendência à monoidentificação, dificilmente atentando para o fato das diferenças culturais de uma nação.

Frente a esta discussão acerca da constituição das nações, Hall (2006) nos lembra que, neste esforço de se construir uma “cultura nacional”, conseqüentemente temos a “supressão

forçada da diferença cultural” (p.59). E no caso brasileiro, temos no contexto do Estado Novo (1937-1945) uma tentativa de fortalecer um nacionalismo que há tempos vinha sendo construído. Isto fica claro nas propostas de nacionalização, que além de reforçar uma certa brasilidade, também fomentou o combate ao perigo estrangeiro. No tocante aos menonitas, estas políticas desembocaram na proibição do idioma alemão, no fechamento de escolas, na proibição de produção e circulação de periódicos, na proibição de professores estrangeiros lecionarem, dentre outros dispositivos.

Não podemos esquecer que, concomitantemente aos esforços nacionalistas, o contexto retratado também é o da II Guerra Mundial. Com a adesão do Brasil à guerra contra a Alemanha, em 22 de agosto de 1942, a repressão aos descendentes dos países do Eixo tornou-se mais efetiva (OLIVEIRA, 2008) e a contenção e vigilância tornou-se mais acirrada à alemães, italianos e japoneses. No entanto, como acrescenta Perrazzo

os alemães foram os mais visados pelas perspectivas nacionalistas do governo Vargas e, conseqüentemente, os mais atingidos pelas medidas governamentais. Somando o maior numero de cidadãos encarcerados, eles representavam uma dupla ameaça: enquanto grupo étnico que insistia em supervalorizar sua cultura e atuar politicamente nos moldes de um regime estrangeiro, colocando em risco o projeto nacionalista interno e, como súditos de um chefe com ambições imperialistas, como era o caso de Hitler, representavam um perigo internacional. (2003, p.48).

Autores como Stuart Hall e Létourneau (2002) defendem que em momentos de crise, as identidades apresentam ações reativas. Castells (2002), também trabalha com a noção de identidade de resistência, que acontece quando por uma desvalorização de um grupo, criam-se trincheiras de resistência e sobrevivência. De forma semelhante ao que estes autores apontam, também percebemos a reação dos menonitas diante das políticas de nacionalização do governo brasileiro.

Encontramos no periódico memonita *Bibel und Pflug*, de junho de 1954, as lamentações do educador Fritz Kliewer no que diz respeito a postura do governo brasileiro frente a cultura e a língua alemã nas décadas anteriores. No entanto, é na mesma matéria de tal periódico que Kliewer fala que aquele foi um período de fortalecimento do uso do dialeto *Plautdietsch* (alemão baixo) nos eventos da comunidade. Percebemos esta situação no depoimento do menonita J.D.:

no tempo da guerra foi proibido totalmente o alemão, até um tempo não tivemos nem culto porque os nossos pastores não conheciam o português (...). E assim, então, também os leiteiros quando vinham pra cidade. Então às vezes vinha um guarda: vocês estão falando alemão? Não, não estamos, estamos falando em holandês, mas o dialeto alemão baixo é parecido com o holandês... (1994).

O Decreto-lei nº 383 de 18 de abril de 1938 que fazia restrições ao uso do idioma alemão, teve consequência dupla e, até certo ponto, contraditória entre os menonitas: eles se esforçaram para aprender e aperfeiçoar o idioma português, mas também reforçaram o uso do *Plautdietsch*, pois o que o Decreto proibiu foi o alemão oficial e não do dialeto, que continha traços do idioma holandês. Desta forma, a reação dos menonitas foi muito além de adquirir novos elementos identitários, incorporados via língua portuguesa, foi, também, de atualização e fortalecimento do que já existia, no caso do *Plattdeutsch*. Um dialeto que, até então, era falado timidamente na esfera privada, passou a ser usado até mesmo nas pregações dos cultos.

Assim, ao mesmo tempo que a comunidade atentava para a prescrição legal quanto ao uso do alemão, burlava-se a intenção maior de tal dispositivo, que era de fortalecer a nacionalidade brasileira e combater as manifestações estrangeiras. Em uma estratégia de sobrevivência identitária (Cuche, 1999), os menonitas, cediam às demandas do meio em que viviam, adaptando-se a ele, mas também encontravam maneiras de burlar estas demandas e preservar tradições.

Como lembra Hall, as pessoas quando migram “retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e tradições” e precisam negociar com as “novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades” (2006, p.88).

Destacamos, assim, que a partir da trajetória panorâmica das experiências do grupo menonita, foi possível perceber como, desde os primeiros vínculos do grupo na Europa até suas primeiras instalações no território brasileiro, a identidade vai sendo alterada de acordo com as mudanças não só de tempo, mas também de espaço e de interlocutores.

Referências

- AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: ABREU, Martha. E SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.38-54.
- BALHANA, Altiva Pilati. Os menonitas no Brasil. In.: PAULS JR., Peter. **Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung 1930-1980**. Witmarsum, 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: **O Poder da Identidade**. vol.II. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

FRIESEN, Karl. **Construção da identidade menonita no Boqueirão**. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade Tuiuti do Paraná.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. Sur l'“État d'êtres” culturel du Québec: essai d'argumentation. In: **Interfaces Brasil/Canadá**. Porto Alegre: ABECAN, 2002, n.2, p.37-46.

MASKE, Wilson. **Bíblia e arado: os menonitas e a construção do seu reino**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Curitiba, 1999.

MASKE, Wilson. **Entre a cruz e a suástica: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai: 1933-1945**. Tese (Doutorado) -Programa de Pós Graduação em História da UFPR. Curitiba, 2004.

OLIVEIRA, D. de. **Os Soldados Brasileiros de Hitler**. Curitiba: Juruá, 2008.

PERAZZO, P. F. Prisioneiros de guerra: a reclusão dos imigrantes indesejáveis (Brasil: 1942-1945). In: **Seminários: imigração, repressão e segurança nacional**. n. 3. out. São Paulo: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p.45-52.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, v.5, n.10,1992, p. 200-215.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SUTIL, Marcelo. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins – Boqueirão: o bairro na história da cidade**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.22, n.106, ago. 1995.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WIENS, Helena. Erste Mennonitenfamilie in Curitiba. In: PAULS JR, Peter (org.). **Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980**. Witmarsum: 1980. p.193-195. p.190-193.